

# Meu São João

Davi Pereira

Melhor do que a fogueira de São João é o ato solene de levantamento do mastro. E para não suscitar interpretação descontextuada, já começo explicando: mastro é o pau que segura a bandeira. Esse mastro que falo é, assim bem entendível, um pé de eucalipto em formação com o tronco de pelo menos cinco metros de altura. Uma vara reta.

Zé Pedro era devoto de São João, mais do que de Santo Antônio e São Pedro. Esta afirmação é dedutível, porque ele sempre fez rezar um terço no dia 23 de junho, véspera de São João. Chamava um rezador, puxador do terço, convidava os vizinhos para o ato religioso e o cerimonial se fazia, inclusive com a ladainha de Nossa Senhora. Findo o terço, seguia-se o ritual do levantamento do mastro com um triângulo de madeira na ponta no qual eram pregados os panos com a imagem dos três santos juninos. Esse triângulo com as bandeiras dos santos era conduzido pelos fiéis como um andor e encaixado numa vareta fixa na ponta do mastro – e sob reza e espocar de foguetes, pelo menos uns três por pessoa, o mastro era erguido e firmado no buraco previamente preparado no solo.

Concluída a cerimônia religiosa, o povo se dividia, umas na cozinha conversando sei lá o que; outros em volta da mesa, que até há pouco tinha sido o altar com toalha de pano e imagens de santos, agora altar desfeito, para ficar madrugada adentro jogando truco; e outros lá fora, em torno da fogueira que normalmente tinha lenha para queimar a noite inteira. E era em volta dela que se passavam os melhores momentos: adultos contando causos, jovens na paquera, crianças soltando traque e riscando fósforo-estrelinha, – e todos virando e revirando para esquentar ora a barriga e ora as costas.

Foi na beira da fogueirona erguida a uns 200 metros de casa que eu estava com minha caixa de rojão, esvaziada durante o dia, quase pelo meio de traques e bombinhas. Eu ficava pra-lá, prá-cá, carregando a caixa, exibindo os traques, orgulhoso da posse e sonegando unzinho que fosse a quem não tinha e pidonchava. Nem riscava um deles na caixa de fósforo, guardada no bolso, para não gastar. Em volta da fogueira, eu estava dizendo. Para contrariar o leitor, que pensa já ter matado a charada, a caixa não foi incendiada por faísca da fogueira. Isso não ocorreu. O pipocar dos traques aconteceu porque um menino riscou um fósforo-estrelinha e o rodou para aumentar o volume das faíscas. Foi bonito de ver,

pensando pelo lado dos outros meninos. Estourou tudo, ou quase, porque joguei a caixa no chão, que era de areia, e alguns traques puderam ser encontrados dias depois, peneirando a terra.

Outra lembrança indelével aconteceu bem depois, lá pelos meus 16 anos. Tempo do nycron, tergal, volta ao mundo... Rapaz! Eu estava bem na foto, com calça preta e camisa amarela, novinhas. Era o traje da hora, e a gente só comprava uma muda de roupa por ano. Era assim, mas como só usava aos domingos, a roupa ficava nova por muito tempo. Enturmei-me perto da fogueira, ainda antes da reza. Para resumir a verdade, nem deu tempo de ser feliz. Um tec da madeira ardendo, como faz o carvão ruim ou molhado que usamos na churrasqueira, jogou uma brasa na minha perna e abriu um buraco na calça novinha! A solução da noite foi trocar de roupa, por segurança, e ter uma festa sem colorido, com o espírito acabrunhado.

A calça não foi fora porque dona Rosa era quase costureira e, no outro dia, cerziu a brecha queimada. A marca que ficou na calça, e na alma, foi a de que a linha usada para o cerzimento não era exatamente da mesma cor.